

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
- REVOLUÇÃO
2 e 20 de Agosto de 2024

DE CIERTA MANERA / 1977

Um filme de Sara Gómez

Realização: Sara Gómez / Argumento: Sara Gómez, Tomás Gutierrez Alea, Tomás González Pérez e Julio García Espinosa / Direcção de Fotografia: Luís García / Direcção Artística: Roberto Larrabure / Guarda-Roupa: Rafaela Cedeno / Música: Sergio Vitier / Som: Germinal Hernández / Montagem: Iván Arocha / Interpretação: Mario Balmaseda (Mario), Yolanda Cuéllar (Yolanda), Mario Limonta, Isaura Mendoza, Bobby Carcases, Sarita Reyes, Othon Blanco, Barbara Hernández, etc.

Produção: ICAIC (Instituto Cubano da Arte e da Indústria Cinematográficas) / Cópia digital (DCP), preto e branco, falada em castelhano com legendas em inglês / Duração: 78 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Aviso: nesta primeira projecção é-nos impossível apresentar legendagem electrónica em português. O filme, falado em castelhano, será exibido com legendas em inglês. Na segunda passagem – terça-feira, dia 20 de agosto às 21h30 na esplanada - , a cópia terá legendas em inglês, e legendas electrónicas em português.

Parte importante da singularidade de **De Cierta Manera** tem a ver com a singularidade da sua realizadora, Sara Gómez. Segundo todas as fontes, incluindo as cubanas, Sara Gómez, nascida em 1942 num subúrbio de Havana, Guanabacoa, era mesmo a única mulher realizadora na leva de cineastas revolucionários cubanos que se tornaram célebres a partir do princípio dos anos 60. Se **De Cierta Manera**, rodado em 1974, era a sua primeira longa-metragem, Sara tinha para trás cerca de uma dezena de curtas-metragens, todas ou quase todas de carácter documental, numa actividade iniciada em 1962 (portanto, extremamente jovem: o seu primeiro filme foi feito no ano em que completou 20 anos). Era já como “jovem cineasta” que era apresentada no filme que Agnès Varda (atraída, como outros cineastas europeus, pela Revolução cubana) foi rodar à ilha em 1963, **Salut les Cubains!**, e onde, além de figurar, terá tido funções importantes na assistência à realizadora francesa durante a preparação e a rodagem do filme.

Infelizmente, o filme que devia ser apenas a primeira longa-metragem de uma realizadora ainda mal entrada na casa dos 30 anos acabou por ser antes o seu derradeiro filme. Sara Gómez sofria de um mal crónico, asma, e não resistiu a um ataque de asma em Junho de 1974, quando trabalhava na montagem e pós-produção de **De Cierta**

Manera. Embora, como é habitual nestas situações, haja versões diferentes sobre o que é que faltava fazer no momento da morte de Sara, a verdade é que, faltando muito ou pouco, o filme teve que ser terminado pelos seus colaboradores (entre os quais se contava um nome importante do cinema revolucionário cubano, Tomás Gutierrez Alea, o realizador das **Memorias del Subdesarrollo** que também já vimos neste Ciclo), e estreado postumamente, em 1977, três anos depois do desaparecimento da sua realizadora.

Mas que não haja engano: o filme tem a sua própria singularidade, e não depende deste *background* para ser uma obra especial. Especial, em primeiro lugar, por uma atitude não muito comum dentro da norma do cinema militante e/ou propagandístico. Em vez de ser um canto dos triunfos da revolução, é uma perspectiva crítica sobre os atritos no caminho dessa revolução. Sara Gómez filma os subúrbios mais miseráveis de Havana, habitados por uma população marginalizada desde tempos imemoriais ou pelo menos pré-revolucionários, e se reconhece os esforços objectivos de melhoria das condições de vida (a remodelação imobiliária, nalguns casos feita de raiz), centra-se na dimensão subjectiva, muito mais resistente a alterações, e imutável por mero estalar de dedos, ainda que revolucionário: as mentalidades. O lado documental do filme, que inclui pequenas exposições, sintéticas e convincentes, sobre a maneira como certos caldos de cultura em Cuba se formaram, explora isso, sem paternalismos nem soluções mágicas – define e expõe problemas, mas segundo um método completamente orgânico e atento à complexidade encadeada das questões sociais. Por exemplo, a sequência em que o miúdo insubordinado da escola permite passar ao seu enquadramento familiar, que pressupõe uma longa história de abandono e misérias morais e materiais, e passa daí ao lugar fragilizado da condição das mulheres cubanas, sobretudo dentro das classes sociais mais carenciadas. Algo que conduz, também, a um tema que percorre todo o filme: o machismo, o predomínio masculino culturalmente interiorizado, dentro da sociedade cubana. É nesse aspecto que o filme é mais fundamentalmente crítico, ao explorar a ideia de que a terapia do sexismo foi um tema descuidado pela Revolução, e ao mesmo tempo que não pode haver uma verdadeira Revolução se ela não implicar, também, uma revolução nas mentalidades. Esta é a mais pungente e, *de certa maneira*, a mais revolucionária, das coisas que o filme de Sara Gómez tem para dizer.

Mas di-lo com uma graça, e às vezes uma doçura, que são mesmo especiais. A mistura entre um princípio de ficção e o documentário (todas as cenas “preparadas”, que arrancam como ficção mas se convertem, pelas pessoas e situações convocadas, em documentos do vivido) substitui-se à retórica e à demonstração, é pela prática, pelo *exemplo*, que o filme descobre o seu papel revelador. E tudo é emoldurado pela vaga história entre Mario e Yolanda, protagonistas que são como os agentes do filme na sua perscrutação da realidade cubana, mas também permitem a Sara Gómez a encenação de uma intimidade (seja nas discussões entre o casal seja nos momentos mais afectuosos e carinhosos) sempre bafejada pela justeza do “primeiro grau”.

Luís Miguel Oliveira